

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Billy Woodberry | Realizador Convidado  
7 de Junho de 2025

## AND WHEN I DIE, I WON'T STAY DEAD / 2015

*um filme de Billy Woodberry*

**Realização, Argumento:** Billy Woodberry / **Fotografia:** Pierre H. Desir / **Câmara Adicional:** John Simmons, Martha Williams / **Montagem:** Amir Manesh, Luís Nunes / **Montagem de Som:** Nuno Henrique / **Entrevistados:** A. D. Winans, Richard 'Spec' Simons, Pierre Delattre, Mary Beach, Jacqueline Starerm Jack Hirschman, etc.

**Produtores:** Billy Woodberry, Rui Alexandre Santos / **Cópia:** em DCP, cor e preto e branco, legendada em português / **Duração:** 89 minutos / **Primeiras apresentações públicas:** Doclisboa 2015 (Prémio de melhor documentário de investigação) e Viennale / Primeira exibição na Cinemateca.

projectão seguida de conversa com Nuno Lisboa e Billy Woodberry (em inglês)

---

*"I want to be anonymous, I want to be completely unknown.  
I want to be buried in a crater on the moon."*

Bob Kaufman, to Raymond Foye (citado do filme).

Realizado trinta anos depois de **Bless Their Little Hearts** (1984) e trinta e cinco depois de **The Pocketbook** (1980), **And when I die, I won't stay dead** é mais um dos trabalhos de fôlego de Billy Woodberry, que marca o seu regresso à produção de filmes, representando, por contraste com os títulos citados, uma transição do seu cinema de um universo mais ficcional para o documentário, género que Woodberry impregna de um forte interesse pela imagem fotográfica na sua conjugação com as potencialidades da imagem em movimento e por uma montagem de imagens ditas de arquivo, mantendo uma componente politicamente empenhada. Não será demais voltarmos a referir que Billy Woodberry é um dos nomes fundamentais de um movimento independente de cinema norte-americano desenvolvido entre as décadas de sessenta e oitenta, que posteriormente seria conhecido como L. A. Rebellion, movimento libertário encabeçado por um conjunto de cineastas afro-americanos que traziam para o cinema uma atenção muito particular à representação das experiências da população negra. E se os primeiros filmes de Woodberry são essenciais no domínio da ficção dos anos oitenta, trinta anos depois o cineasta transferirá a sua pulsão criativa para um cinema mais ensaístico e documental.

**And when I die, I won't stay dead**, datando já de 2015, centra-se na obra e na vida do poeta norte-americano Bob Kaufman (1925-1986), recolhendo o seu título de um poema do escritor que é hoje considerado um dos autores fundamentais da *Beat Generation*, designação que reúne autores como os sempre citados Jack Kerouac, Allen Ginsberg ou William Burroughs. Através de imagens filmadas no presente e muitas entrevistas com outros escritores, editores, amigos ou família de Bob Kaufman, mas também recorrendo a materiais de arquivo como fotografias, filmes e poemas (alguns gravados

na época), Billy Woodberry dedica-se a um trabalho em torno da relação dos arquivos com a memória e a procurar resgatar do esquecimento um dos poetas mais importantes e radicais conotados com essa *Beat Generation*, mas também um dos mais esquecidos.

Alvo de uma forte perseguição nos anos da juventude, associada sobretudo a questões raciais, e à sua origem negra e judaica, na sua relação com um forte empenhamento político, o filme evoca a singularidade do percurso do activista e escritor. Como Ousmane Sembène, a quem é dedicado um outro filme que Woodberry realizou em 2015, depois deste – **Marseille après la guerre** –, percebemos que, na juventude, Kaufman foi dirigente sindical e marinheiro, chegando a liderar o Sindicato Nacional dos Trabalhadores Marítimos dos Estados Unidos. E da sua complexa biografia que, como nos recorda o filme, só começou a ser verdadeiramente investigada e estudada nos anos oitenta, fazem parte várias prisões injustificadas e um internamento involuntário num sanatório por má conduta, onde foi submetido a choques eléctricos, a que se seguiu uma década complicada, descrita por um dos entrevistados do filme como a década do “voto de silêncio”. Perceberemos assim que períodos mais e menos criativos oscilam ao longo dos anos em que são publicadas algumas das suas mais poderosas obras literárias, que apresentam naturalmente uma forte componente autobiográfica. E é na apurada montagem das poderosas palavras de Kaufman, lidas em voz alta por terceiros, com uma sucessão de imagens fotográficas e filmicas da época, que se revelam alguns dos momentos mais belos do filme de Woodberry.

Do mesmo ano que **And when I die, I won't stay dead**, **Marseille après la guerre**, curta-metragem com pouco mais de dez minutos, parte de um arquivo de fotografias realizadas nos anos quarenta e cinquenta nas docas de Marselha, encontradas por Woodberry nos arquivos do Sindicato Nacional dos Trabalhadores Marítimos dos Estados Unidos, quando fazia pesquisa para a longa-metragem, imagens que não conseguiu incluir nesta. É da junção entre estas fotografias dominadas pelos retratos dos trabalhadores negros das docas de Marselha e a evocação do cineasta e escritor senegalês Ousmane Sembène (1923-2007) que nasce o filme. Sembène é aqui sobretudo evocado pelo seu trabalho nas docas enquanto estivador e metalúrgico e pela sua participação nos movimentos sindicalistas em França, experiências que serviram de inspiração ao seu primeiro romance, *Le docker noir*, que escreveu ainda em 1956 e que descreve o preconceito racial vivido por africanos na França, questão que atravessará também o seu cinema.

Os preconceitos raciais experienciados por dois criadores de origem africana estão assim na base de dois filmes de natureza documental fortemente ancorados na montagem de imagens fotográficas e realizados por um cineasta igualmente negro que, desde o início da sua obra nos começos da década oitenta se dedicou a questionar a segregação dos afro-americanos. Se os primeiros filmes de Woodberry são títulos fundamentais da “família” de cinema independente norte-americano que englobava também Charles Burnett ou Julie Dash, **And when I die, I won't stay dead** e **Marseille après la guerre** prosseguem por outros caminhos essa tradição de um cinema de intervenção que, no caso de Woodberry, já se ancorava profundamente numa tradição da fotografia de rua norte-americana, de James Agee a Helen Lewitt. Woodberry prossegue-a inspirado por tantas outras experiências cinematográficas conotadas com um cinema fotográfico manifestamente politizado, das experiências colectivas dos **Ciné-tracts** de 1968, ao trabalho mais contemporâneo de cineastas seus amigos com os quais colaborou, como Thom Andersen ou Allan Sekula, revelando-se assim uma constelação de criadores com uma particular predilecção pela imagem fotográfica.

Joana Ascensão